

O QUE É? (conceitos/definições)

De acordo com Thakadipuram e Stevenson (2013), a OST configura uma ferramenta simples e rápida, porém eficaz e poderosa para se trabalhar com intervenção comunitária em organizações, especialmente levando-as em direção à auto-organização. Os autores ainda apontam cinco princípios básicos regentes da OST: 1) Quem vier são as pessoas certas; 2) Onde acontecer é o lugar certo; 3) O que acontecer é o que poderia ter acontecido; 4) Quando for iniciado é o momento certo; 5) Quando tiver acabado, está acabado. Além desses princípios, uma única lei se aplica - a Lei dos Dois Pés. Ela diz que se o participante se encontra em um lugar onde não esteja contribuindo nem aprendendo, então ele deve usar seus dois pés para ir a outro lugar onde possa fazê-los (THAKADIPURAM; STEVENSON, 2013; GROSS; JACOBS, 2013).

Além dos cinco princípios, Gross e Jacobs (2013) apontam cinco condições fundamentais para o sucesso de uma Open Space Technology:

- 1) A questão a ser discutida é real e relevante;
- 2) A questão a ser discutida possui significativo grau de complexidade;
- 3) Os participantes e suas ideias são altamente diversificados;
- 4) Há grande envolvimento por parte dos participantes (e talvez até conflito);
- 5) Há urgência na tomada de decisão.

Mais informações sobre a metodologia podem ser consultadas em seu site oficial (OPEN SPACE WORLD, 2021). De acordo com o descrito por Herrington (2006), não há diferenças significativas entre a Open Space Technology e a Open Space Conference.

COMO SURTIU? (contexto histórico)

De acordo com Gross e Jacobs (2013) a Open Space Technology surgiu na década de 1980, criada por Harrison Owen. Seu criador contextualiza como surgida a partir de 1985, quando no evento Terceiro Simpósio Anual Internacional sobre Transformação Organizacional, durante o qual Owen teria percebido que as melhores ideias e conversas aconteciam durante os *coffee breaks*, apesar de toda a estrutura bem elaborada do evento (GROSS; JACOBS, 2013; OPEN SPACE WORLD, 2021).

COMO É? (as características essenciais, estrutura e dinâmica, permitindo a classificação (tipologia))

A estrutura de um processo de Open Space Technology é limitada apenas no número de limitações: não há palestrantes, facilitadores, grupos de trabalho e discussão fechados, tempos de falas ou tópicos de discussão predeterminados; indica-se, apenas, a presença de um facilitador para introduzir o evento aos participantes, explicando os princípios de sua execução, e um grupo para oferecer suporte prático quando necessário (GROSS; JACOBS, 2013). Thakadipuram e Stevenson (2013) relatam a aplicação de um OST no qual os participantes tinham liberdade absoluta para participar ou deixar dos vários núcleos de discussão formados espontaneamente. O tempo é organizado simplesmente por unidades de tempo nas quais os participantes podem adicionar tópicos de discussão.

Para evitar que esta organização caórdica ocasione em perda de informação, os núcleos de discussão que se formam devem realizar registros das discussões, colocando tais considerações em um mural que se situa no espaço de *coffee break*, estimulando participantes

a tomarem conhecimento do que foi discutido em outras sessões, aproveitando a pausa para o café para continuar os debates e a geração de ideias. Ao fim do evento, todos esses registros devem ser reunidos em um único livro, de forma que este possa ser disponibilizado para todos, preferencialmente em formato online (GROSS; JACOBS, 2013).

Com a finalização das discussões, aqueles interessados podem permanecer para discutir os próximos passos a serem tomados, sugestões de ações práticas e afins. Dessa forma, muito tempo após a realização do OST em si, participantes ainda podem continuar reuniões de caráter pragmático, nas quais são discutidas formas de implementação das ideias e soluções geradas no evento.

POR QUE? (fundamentos)

A fundamentação da OST se encontra na valorização dos espaços “desorganizados”: livres de restrições quanto ao que falar, como falar e com quem falar, as pessoas exercem melhor sua capacidade de encontrar soluções criativas e consensuais (GROSS; JACOBS, 2013). Por isso, os 5 princípios básicos da OST apresentados anteriormente vão contra engessamentos de tempo, espaço, participantes e sequência de eventos.

PARA QUE? (finalidade e aplicabilidade)

A OST pode ser utilizada para qualquer fim participativo, especialmente aqueles que demandam discussões sobre assuntos complexos e relativamente indefinidos. Além disso, é adequada para processos que desejam estimular soluções criativas e espaços de debates confortáveis, com oportunidades para todos.

ONDE? (situa geograficamente as experiências)

EUA (THAKADIPURAM; STEVENSON, 2013); Egito (GROSS; JACOBS, 2013); Inglaterra (MCWILLIAMS; MANOCHIN, 2013).

QUAIS RESULTADOS? (dificuldades e conquistas/consequências)

Thakadipuram e Stevenson (2013) descrevem a aplicação de OST em uma paróquia nos Estados Unidos, apontando uma série de resultados positivos. De acordo com os autores, a metodologia foi capaz de transformar a convivência entre os participantes e além deles também (considerando uma participação de 140 entre mais de 1200 pessoas), proporcionando um ambiente mais alegre, motivador, seguro e criativo. Os participantes relataram o sentimento de renovação provindo da intensa e extensa participação comunitária gerada pela OST, engajando as pessoas em projetos e ministérios para a melhora da paróquia. De acordo com os autores, tudo isso adquire mais significado quando representa uma relevante transição de uma liderança autoritária de comando e controle para a auto-organização participativa.

REFERÊNCIAS

GROSS, C.; JACOBS, A. From Tahir Square to Open Space: Practical experiences with Open Space Technology in Egypt. **Journal of Social Science Education**, v. 12, n. 1, 2013. p. 50-58.

HERRINGTON, N. Open Space Confereres: a new way of working. **Management in Education**, v. 20, n. 5, 2006. p. 13-14.

MCWILLIAMS, C.; MANOCHIN, M. M. Engagin junior doctors: evidence from “open spaces” in England. **Journal of Health Organization and Management**, v. 27, n. 4, 2013. p. 520-526.

OPEN Space World. Disponível em: <<https://openspaceworld.org/wp2/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

THAKADIPURAM, T.; STEVENSON, L. Turnaround: from breakdown to breakthrough with Open Space Technology. **Human Resource Development International**, v. 16, n. 1, 2013. p. 116-127.